

AS MÚLTIPLAS FACES DAS *VIVANDEIRAS*: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES

*Maria Meire de Carvalho**

Resumo

O foco central de nossa análise concentra-se em problematizar o conceito de *vivandeiras* durante a marcha da Coluna Prestes. Os discursos proferidos pelos ex-combatentes que estiveram na trajetória rebelde servirão de suporte para reflexões que permitam repensar a construção histórica atribuída às mulheres nesse movimento. Recusando uma representação unívoca sobre os papéis desempenhados pelas *vivandeiras*, este artigo busca apresentá-las sob múltiplas faces.

Palavras-chave: Mulheres, Coluna Prestes, memória, representações.

Refletir sobre as representações das mulheres denominadas *vivandeiras*¹ que participaram do movimento da Coluna Prestes² é acreditar que as fontes não podem ser vistas como verdades absolutas, mas sim como discursos que indicam o lugar social do sujeito, portanto, representações idealizadas nas condições de sua produção. Como salienta Foucault (1996, p.21), “existem interdições que privilegiam ou excluem certos procedimentos do sujeito autorizado da fala”. Dessa

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, na Área de Concentração em Estudos Feministas e de Gênero. Este artigo é parte de sua dissertação de mestrado intitulada *A invenção das vivandeiras – mulheres na marcha da Coluna Prestes – a trajetória silenciada*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFG.

maneira, os próprios discursos exercem seu próprio controle, alguns impostam legitimação, daí serem narrados, repetidos e conservados, criando “regimes de verdades na ordenação discursiva”. Esse é o caso dos discursos militares do qual trataremos.

Problematizamos a construção desse termo – “regimes de verdades na ordenação discursiva” – na tentativa de buscar outras explicações para as concepções historicamente construídas. No movimento político-militar da Coluna Prestes, as *vivandeiras* mantiveram-se à margem da história, como se a presença feminina na marcha não pudesse ser diretamente observável. É a manutenção desse termo e o sentido a ele impregnado que nos intriga, pois sabemos que as mulheres atuaram em guerras e combates militares, mas o discurso masculino preferiu encontrar uma representação conhecida apenas no meio militar para designar essas mulheres que incorporaram na luta armada, assim elas passariam quase despercebidas. Foucault (1996, p. 21) nos alerta que

em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Assim, visualizar as representações sociais em torno do termo *vivandeiras* e de como esse conceito foi utilizado e formalizado na historiografia que estudou o assunto nos faz refletir sobre o trânsito das mulheres em espaços determinados como lugares de afirmação de masculinidade e virilidade – o caso dos espaços militares. Apesar de algumas delas terem sido citadas como exímias combatentes, as atividades por elas desempenhadas foram reduzidas por alguns memorialistas que escreveram sobre o movimento. Generalizaram seus papéis e suas atuações, sendo todas elas representadas como as *vivandeiras* da Coluna Prestes. Mas, afinal, o que era ser *vivandeira* na Coluna Prestes?

O silenciamento sobre a presença das mulheres na marcha da Coluna Prestes nos levou a buscar os “pequeninos vestígios” por elas deixados. Ao procurar essas diminutas “pistas”, ousamos discutir a formalização dos discursos na construção historiográfica que registrou

o conceito de *vivandeiras* como representação unívoca para as mulheres que participaram do movimento. Discutindo sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres, Heleith Saffioti (1990, p. 11) afirma que não podemos acreditar que “é natural” a mulher se ocupar do espaço doméstico, deixando livre para o homem o espaço público, pois esse pensamento está rigorosamente naturalizando um resultado da história que pouco registrou a ação feminina.

O capitão gaúcho João Silva (1959, p. 76), ex-integrante da Coluna Prestes, deixa claro em seu discurso essa imagem da nobre mulher, da abnegada enfermeira que vai para os campos de batalha, quando diz:

Estávamos longe, longíssimo de nossos pagos, longe das nossas famílias, brigando, morrendo, vencendo e marchando sempre, sem parar.

Víamos as nossas queridas *vivandeiras* lado a lado dos seus companheiros prestando relevantes serviços aos destacamentos. Denodadas gaúchas que nos hospitais de sangue... estavam atendendo nossos soldados feridos, os moribundos e amortalhando os que faleciam, ajudando a sepultá-los.

Quantas e quantas dessas heróicas e queridas *vivandeiras*, qual anjos junto a um moribundo, rezavam, enxugavam as lágrimas e molhavam os lábios sequiosos do homem em febre e gemendo nos últimos estertores da morte!

Quantas e quantas *vivandeiras* iam às linhas de fogo e de lá traziam os feridos para a retaguarda, rasgavam as suas vestes e faziam ataduras.

Essas gaúchas... saíram de um meio espúrio, mas tornaram-se almas mães, conscientes, representando as mães, as irmãs e filhas de todos os homens que acompanhavam as duas colunas...

Pelo registro do capitão João Silva, percebe-se que para o imaginário militar, numa sublevação armada, como a da Coluna Prestes, existia mais espaço para as enfermeiras, as mulheres consoladoras que representavam as mães, as irmãs e as filhas, do que para as mulheres combatentes. Era nessa condição que o modelo positivista considerava as mulheres que se integravam a um movimento dessa natureza. Era na condição de enfermeiras que elas eram vistas. As demais seriam prostitutas, pois, segundo o autor, algumas delas tinham saído de um

meio espúrio, mas, na Coluna, haviam se tornado uns anjos, guardiãs incansáveis dos companheiros.

O discurso masculino sobre as guerras nega lugar às mulheres: elas nem sempre são aceitas no espaço das sublevações armadas. Com exceção das enfermeiras que se alistam para cuidar dos feridos, as demais mulheres são vistas como intrusas que burlam a ordem estabelecida, ou, pior, são vistas como provocadoras de desordens, pois, na concepção militar, a presença feminina em momentos de guerra traz indisciplina e provoca disputas e rivalidades entre as tropas. As enfermeiras, porém, representam personagens louváveis: elas revivificam o mito das mulheres salvadoras, consoladoras, aquelas que acalutam e minimizam os sofrimentos. Porém, em tempos idos, uma expressão representou as mulheres que se deslocavam para os acampamentos militares. Elas foram chamadas de *vivandeiras*, mulheres que muitas vezes se uniformizavam como os militares, apesar de não apresentarem nenhuma formalidade legal com os exércitos combatentes. Percebemos, porém, que seus papéis se alargavam para além do significado dado.

Mas, conforme expressa Tânia Navarro Swain (1993), o imaginário pode aflorar diferentes tipos de discursos, muitas vezes forjador de sentidos, de identidades, estabelecendo incoerências, pois o imaginário é capaz de compor e decompor os sentidos que migram através das formações discursivas, criando imagens saturadas de paixões/rejeições, definindo perfis, tipos e papéis sociais.

Coube a Lourenço Moreira Lima inventar a expressão *vivandeiras* para justificar a presença das mulheres no movimento, sendo ele também o responsável por incluir e excluir o que devia ou não ser dito, no sentido de manter uma unidade sobre a memória do grupo rebelde.

Sabemos que o imaginário social cria e inventa formas de comunicação dada a urgência de dizer ou explicar algo (nesse caso, a presença e atuação das mulheres junto aos rebeldes militares), submetendo o cotidiano silenciado em silêncio, permitindo um silêncio formal, inventado. É o que Pêcheux citado por Orlandi (1997), denomina “discurso-real autoprotetor”, engendrado de sinais sonoros, visíveis e dizíveis que permitem calar o que cada um entende, porém os silêncios e as invenções, sem querer confessar, produzem sentidos e significados.

O pensador francês Michel de Certeau afirma que há vários modos de proceder na vida cotidiana; ele denomina esses modos como

práticas das quais os usuários se “reapropriam” do espaço formal organizado e inventam as “maneiras de fazer”, táticas articuladas pelas produções socioculturais insinuadas e escolhidas; “modos de usar” que obedecem a regras e são, portanto, selecionadas de acordo com o interesse do grupo social.

A necessidade de examinar as práticas discursivas do autor do diário da marcha foi provocada pela inquietação da invenção de um termo pouco conhecido fora do circuito militar, expressão dada às mulheres na Coluna Prestes. Quando examinamos outras obras que relataram a história da trajetória rebelde, percebemos que os autores que escreveram sobre o movimento apropriaram-se do termo *vivandeiras*, sem jamais, nem em notas de rodapé, esclarecer aos leitores o possível significado da palavra. A invenção foi, então, cristalizada sem uma análise mais específica, sem reflexão e sem contextualização da origem histórica do termo.

Poderíamos dizer que essas invenções e silêncios estão diretamente ligados aos aspectos culturais, pois é no espaço cultural que elas se evidenciam – no caso aqui discutido, a invenção do termo *vivandeiras*. Isso fica claro quando refletimos sobre essa representação.

Essa representação é uma concepção determinantemente política, histórica e ideológica que está inscrita no silêncio explícito e no discurso implícito da fala. Ou seja, no diário da marcha, o secretário deixou claro que a presença das mulheres na marcha não devia ser destacada com muita veemência, porque isso poderia tirar a perfeição de uma marcha militar. Por outro lado, o discurso de Lourenço Moreira Lima deixou subentendido que as mulheres tiveram uma participação ativa na trajetória rebelde.

Ao levantarmos alguns dos papéis desempenhados pelas mulheres que participaram da saga da Coluna Prestes, estamos dando-lhes visibilidade como sujeitos históricos e também estamos refletindo sobre as representações anacrônicas dadas à sua imagem. É certo que o movimento não foi desencadeado pelas mulheres. Delas não partiu a sublevação, porém seus gestos, suas ações e atuações deram suporte à insurreição armada.

Muitos cronistas e historiadores que discorreram sobre a presença das mulheres na Coluna consideraram-nas apenas como acompanhantes dos soldados que integraram o movimento revolucionário. Por

discordarmos dessa análise, estamos mostrando a intervenção, a importância e a relevância da participação feminina na Coluna. Para tanto, mostraremos alguns aspectos que ao longo dos tempos não foram discutidos, como se os papéis dessas mulheres tivessem sido totalmente ou exclusivamente secundários.

Acreditamos que foi a partir desse imaginário forjador de sentidos que os líderes militares construíram as representações sobre as mulheres participantes da Coluna Prestes. Nesse sentido, o termo *vivandeiras*, por si só, reduz e camufla a presença, a atuação e os papéis desempenhados pelas mulheres na marcha.

Discutindo mulheres e representações como um espaço em que se cruzam dois imaginários, o da história e o das mulheres, Dulce Amarante Santos (1998) nos diz que as representações traduzem, à revelia de seus protagonistas, imagens que descrevem a sociedade como eles pensam que ela é ou como gostariam que ela fosse, determinando a posição dos grupos sociais e permeando suas relações com o mundo.

O diário da marcha evidenciou um discurso poético, o termo *vivandeiras* ficou historicamente conhecido, mas com isso também dissimulou os papéis das mulheres, uma vez que pouco se registrou sobre suas atuações. Em alguns trechos do diário, Lourenço Moreira Lima (1979, p. 350) apresenta-as de forma alegórica quando diz: “as nossas *vivandeiras* marchavam lindo, como dizem os gaúchos”. Essa fala, por um lado, as silencia na marcha e, por outro, esconde o sentido de suas presenças.

Sabe-se que, em certos momentos, a sociedade ou um grupo dela tem necessidade de atribuir às palavras essências que recobrem, nomeiam e substituem ações e acontecimentos; essas palavras tornam-se conceitos e cristalizam certos tipos de convenções discursivas que são as concepções que a sociedade tem de si mesma, denominadas representações. Denise Jodelet (2001, p. 22) afirma que as representações sociais,

enquanto sistema de interpretação com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das entidades pessoais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.

Começaremos nossa reflexão a partir da fala do líder do movimento, Luís Carlos Prestes, quando da incorporação das mulheres à marcha:

Na época da Coluna eu era muito militar e proibi que as mulheres que se encontravam nos acampamentos da tropa revolucionária distribuída em torno de São Luís Gonzaga acompanhassem a marcha, no entanto, elas transpuseram o rio Uruguai e seguiram a Coluna, estiveram junto a tropa e prestaram grandes serviços como cozinheiras, lavadeiras. Algumas mulheres chegaram a combater como soldados, revelando grande desprendimento, heroísmo e dedicação. (*O Estado de São Paulo*, 2 jul. 1978)

Nessa afirmação, Luís Carlos Prestes revela que as mulheres que estiveram na marcha apresentaram persistência e resistência; o próprio modo como enfrentaram os líderes da Coluna demonstra grande ousadia, pois elas não cederam totalmente às hostilidades dos comandantes chefes.

Outro ex-combatente, o capitão Landucci (1952, p. 167-170), fez a seguinte afirmação sobre suas companheiras de marcha:

Quem diria que mulheres pudessem suportar as fadigas daquela campanha, quando a virilidade do homem às vezes fraquejava? No entanto, cerca de cinquenta mulheres representantes do belo sexo compartilharam todas as peripécias da longa marcha, seguindo os seus maridos e amásios e rivalizando com eles até em bravura [...]. Apesar da conformação física mais fraca e mesmo da inferioridade biológica, elas nunca demonstraram fraqueza. É que a alma simples da mulher brasileira é feita de sacrifícios e de martírios pelos entes a quem se dedicam; é esse o sentimentalismo que fez das vivandeiras umas abnegadas.

O capitão Landucci considerou as mulheres que participaram da marcha como heroínas, uma vez que, para ele, aquele espaço de guerrilhas pertencia aos homens viris. Mencioná-las em suas memórias é uma forma de prestar “homenagem” pela dedicação aos serviços por elas prestados, pois, segundo ele, “essas mulheres revelaram-se além das expectativas do que se esperava delas”. Esse discurso está repleto de sentidos, de significados e de silêncios. A citação do capitão explicita

o campo binário das representações sociais expressas no pensamento desse militar. No movimento da Coluna Prestes, os homens são representados como seres fortes e viris, as mulheres como frágeis e abnegadas, mas, por outro lado, o capitão Landucci revela que as “mulheres/vivandeiras” foram capazes de compartilhar com os “homens guerreiros” de atos de bravura e resistência. Nas afirmações de Michel Pollak (1989), existe um controle sobre a memória, constituído de zonas de significados, de silêncios e de hesitações, com referências, conduta selecionada e organizada que resguarda a identidade do grupo.

O comandante do 2º Destacamento da Coluna Prestes, João Alberto Lins de Barros, relatou a “presença incômoda” da enfermeira *Elza* junto ao seu pelotão. Em suas memórias, ele relata a perda de um amigo e companheiro de marcha, major Lira, nas divisas de Mato Grosso com a Bolívia, nas proximidades do exílio tão esperado. Em seu discurso, ele culpa a enfermeira *Elza*³ pela perda da eficiência desse major, ao afirmar:

Ao atravessar o rio das Garças, foi o 2º Destacamento (o meu) surpreendido pela coluna de jagunços de Franklin de Albuquerque [...] Restava apenas a travessia dos cargueiros e, entre eles, o Major Lira, que se conservou no porto ao lado de sua bagagem. Major Lira era um pernambucano bravo, de compleição robusta, alto porte e bem-humorado [...] Entrara na revolução em São Paulo como civil, por entusiasmo cívico e espírito de aventura ... exercia, as funções de subcomandante. Era bravo e prestava ótimos serviços, mas tinha sua eficiência reduzida pela presença, na Coluna, de Elza, alemãzinha loira e bonita com quem vivia maritalmente. O casal tinha um filhinho de três meses que nascera em plena marcha ...

Lira procurava dar todo o conforto possível a Elza. Tinha barraca, cama e panelas. Trazia sempre um cargueiro com bagagem, excessiva para a Coluna.

Era hábito, na passagem de rios, fazer atravessar primeiro homens válidos, feridos e a munição. Os cargueiros ficavam para depois. Lira estava ainda ocupado com a sua bagagem, quando o adversário atacou. Foi o primeiro a cair, combatendo valentemente. (LINS DE BARROS, 1953, p. 170-173)

Nessa citação parece evidente o posicionamento dos companheiros de marcha em relação às companheiras. Elas podiam até ter uma posição de destaque e sua presença ser estratégica dentro do corpo rebelde, porém essas mulheres desvirtuavam a coragem e a bravura dos homens que se sucumbissem aos seus encantos.

As afirmações do comandante do 2º Destacamento da Coluna nos faz perceber o quanto a presença de *Elza* foi incômoda na marcha. João Alberto condena-a pela perda de um valente major, mas deixa implícito em seu discurso a relevância de ter mulheres em uma marcha de guerrilhas.

O interessante é perceber que os comandantes podiam dirigir ordens como superiores aos oficiais e soldados na frente das batalhas, porém era impossível controlá-los totalmente. Esse foi o caso do major Lira que mesmo sem a aprovação de seus superiores e amigos manteve-se ao lado da enfermeira *Elza*.

Os papéis das mulheres foram apresentados também no discurso jornalístico. O jornalista Rafael de Oliveira (correspondente de *O Jornal*), abria, em 1927, manchetes diárias sob o título de “Conversando com Luís Carlos Prestes”. Luís Amaral (também correspondente de *O Jornal*), cinco meses depois da entrada dos rebeldes no exílio, na Bolívia, publicava a seguinte matéria: “Conversando com as mulheres da Coluna Prestes”. Essa publicação representa uma fonte de imenso valor histórico para quem quer compreender, pelo menos em parte, a presença feminina no movimento-militar-contestatório da política brasileira. Assim, expressou-se Luís Amaral:

Na bandeira da Coluna Prestes, não foram só homens valentes que se empenharam. Empenharam-se também várias mulheres que acompanhavam maridos ou companheiros – oficiais, soldados ou civis, outras eram enfermeiras ou costureiras e houve também uma cozinheira. [...] Morreram algumas pelo caminho, resistiram outras até o fim. Vi-as em La Gaiba, poucas, participando da miséria voraz que delute o pugilo de brasileiros que lá cumprem a pena de morte lenta a que condenam o juízo singular do governo ‘inexorável’; vi-as em Cuyabá e no Garimpo. Não tive impressão de estar falando com vítimas arrasadas ao sacrifício e, sim, com pessoas que, embora exaustas e marcadas pela fadiga, pelos sofrimentos, tem prazer de lembrar os dias amargos que

voluntariamente e conscientemente viveram, empolgadas pela bravura de seus homens, absorvidas pelas dores alheias, que ellas, como enfermeiras, cumpria mitigar. (*O Jornal*, 1927, p. 6)

De certa forma, nesse discurso jornalístico, as mulheres que se incorporaram à Coluna Prestes superaram muitas dificuldades e demonstraram resistência e dedicação. Para elas, a guerra de movimento se tornara uma rotina, pois conviviam diariamente com os perigos e com a tão temida morte.

O secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, assim define a enfermeira Hermínia: ela alcançou o seu ideal na Coluna, arranhou um noivo da cor de Otelo, o bravo tenente Firmino, a quem se associou em La Gaiba, "...certamente irão gozar as delícias do himeneu...". Assim, Lourenço Moreira Lima enaltece a participação das mulheres, depois contradiz seu próprio discurso.

Depois de exaltar as atividades de Hermínia durante a marcha, ele reduziu seu papel ao de mera "caçadora de marido", dizendo que, ao enamorar-se do tenente Firmino, ela alcançou seu objetivo. Será que podemos analisar sua integração à Coluna somente por esse aspecto?

É comum encontrar referências à participação das mulheres apenas como cozinheiras ou prostitutas. Na Coluna, porém, a culinária não estava entregue totalmente às mulheres; a cozinha estava distribuída em "fogões" (pequenos agrupamentos de indivíduos com alguma afinidade) e, conforme Landucci (1952, p. 159),

[...] cada soldado teve que prover as suas necessidades alimentares e de equipamento [...] o fogão tinha o seu encarregado, não combatente, que cuidava dos cargueiros, armazenava víveres, aprontava a comida e tratava do bem comum.

É importante, então, ressaltar que mesmo as mulheres de origem humilde e camponesa não desempenharam somente funções domésticas, ou seja, de cozinheiras, costureiras, lavadeiras etc. Ao longo de todo nosso trabalho, estamos mostrando que elas tiveram atividades diversas. Sabemos, porém, que nem todas as mulheres que acompanharam a grande marcha foram mencionadas, pois como colocou o capitão João Silva (1959, p. 76): "lástima não lembrarmos os nomes de todas, a fim de que

o Rio Grande, e o Brasil [...] conhecessem essas heroínas [...] que fizeram parte do maior *raide* de cavalaria do mundo”.

O capitão João Silva lastima não lembrar todos os nomes e, para compensar essa falha da memória, denomina-as “heroínas”. Essa compensação não se justifica, pois não acreditamos que as mulheres foram somente vítimas ou heroínas.

Outra atividade por elas desempenhadas foi a disposição para lidar com a morte; as mulheres que acompanharam a marcha tiveram a capacidade de estar junto aos companheiros nos momentos de agonia. Observemos esse trecho:

Víamos as nossas queridas e valentes *vivandeiras* lado a lado dos seus companheiros prestando relevantes serviços aos destacamentos. Denodadas gaúchas que nos hospitais de sangue, improvisados na retaguarda, ali estavam atendendo os nossos soldados feridos [...], e amortalhando os que faleciam, ajudando a sepultá-los [...] junto a um moribundo, rezavam, enxugavam as lágrimas e molhavam os lábios sequiosos do homem em febre e gemendo nos últimos estertores da morte! (SILVA, 1959, p. 76)

Como os recursos médicos eram precários, muitas mulheres improvisavam remédios caseiros com as ervas e raízes encontradas no caminho e medicavam doentes e feridos:

[...] a enfermeira Hemínia, distribuidora de mezinhas. Os soldados preferiam os remédios da Hermínia, porque tinham mais fé nas suas beberagens do que nas drogas de Klinger e nas injeções de Danton. (MOREIRA LIMA, 1979, p. 511)

Cotidianamente as mulheres enfrentavam perigos. Quando os companheiros estavam incapacitados para combater o inimigo e lutavam com a tão temida morte, as mulheres da Coluna assumiam seus fuzis e os acompanhavam lado a lado. Juntamente com a tropa, elas buscavam superar as dificuldades encontradas na trajetória, atuando e dedicando-se ao movimento.

Assim como a marcha armada, a impetuosidade de alguns comandantes também cortou os sertões do Brasil e alcançou o imaginário popular, dentre eles destaca-se a figura lendária do temido coronel Eduardo de

Siqueira Campos (comandante do 3º Destacamento da Coluna); na historiografia sobre o movimento ele ficou conhecido como o comandante que não admitia mulheres em seu destacamento.

Depoimentos orais, como os do Sr. Urbano Berquó, nos revelam que essa afirmação não se sustenta na totalidade, pois, após acompanhar a Coluna Prestes por mais de uma semana, o depoente nos dá conta que mulheres se faziam presente no batalhão de Siqueira Campos, que não conseguiu afastá-las de suas fileiras armadas. Elas desafiavam-no mesmo após serem por ele hostilizadas. Mas, para garantir a valentia desse comandante, prevaleceu na historiografia oficial o discurso da proibição das mulheres junto a sua tropa.

O comandante Sadi Vale Machado, em depoimento oral (entrevista concedida ao Laboratório de História Oral do CPDOC/FGV), relata que: “as *vivandeiras* serviram de enfermeiras, a cada momento iam até as padiolas que conduziam os feridos; conduziam armas, munições e prestaram outros variados serviços”. Esse depoimento deixa claro que as mulheres tiveram um papel relevante, sendo admiradas e queridas por alguns companheiros de marcha.

Para o comandante Rubens Forte a atuação de algumas mulheres ficou marcada em sua memória. Em entrevista concedida ao CPDOC/FGV, 13/9/1983, ele confirma que o seu pelotão contava com um grupo de aproximadamente dez mulheres:

As *vivandeiras* eram mulheres que acompanhavam a Coluna [...] tinha a Hermínia que era enfermeira. Essa mulher era muito engraçada, ela era mulher do tenente Hermínio, um caboclo da força paulista, ela cuidava dos feridos, dava tônicos para os doentes que estavam depauperados, ela dava até “Saúde da Mulher” para os fracos, não tinha nenhuma dúvida, era um tanto esquisito dar “Saúde da Mulher para um homem ferido... [risos no final do relato].

Soava esquisito na mentalidade masculina da década de 1920 ver soldados feridos serem medicados com um regulador menstrual e, muitas vezes, recuperando-se consideravelmente com essas beberagens.

Segundo o depoimento do Sr. Luís Gomes Sardinha em 15/11/1999, quando a Coluna Prestes passou por sua terra natal, Carolina no

Maranhão, sua memória de garoto foi marcada pela presença dos integrantes da Coluna em sua casa, dentre eles, uma mulher de nome Isabel se destacou das demais:

Eu era ainda menino, mas me recordo bem do alvoroço que ficou a cidade; todos queriam conhecer os revolucionários, principalmente o Prestes. Minha mãe Almira Gomes Sardinha atendeu e conversou com uma das mulheres que acompanhavam a marcha, o nome dela era Isabel; essa mulher perguntou pra minha mãe se ela tinha máquina de costura em casa. Minha mãe respondeu que sim, aí ela pediu pra fazer uns remendos em algumas roupas; costurou e remendou roupas dela e de alguns soldados, depois agradeceu e foi embora.

Nesse depoimento o Sr. Luís Gomes Sardinha delega funções de costureira a uma mulher de nome Isabel; no diário da marcha, o secretário da Coluna, Lourenço Moreira Lima, a ela se refere como “a vivandeira de nome Isabel, também conhecida como *pisca-pisca*, uma incorrigível alcoólatra”.

Nos depoimentos realizados com o Sr. Antônio Melchior Filho e com o Sr. Luís José da Cunha Lima, recuperamos pela oralidade os nomes de duas mulheres que estiveram na marcha e não foram mencionadas no diário de campanha: “Maria Revoltosa” e “Ótima”, destacada parteira da região de Pires do Rio e Urutaí (GO). Percebemos também, que, na memória oral dos depoentes acima mencionados, o termo *vivandeiras* não ficou registrado; esse conceito foi empregado pelos ex-combatentes já que o termo é de origem militar. Quando tentamos localizar na memória popular a presença feminina na marcha rebelde, não encontramos alusão às *vivandeiras* em nenhuma fala .

A oralidade, como qualquer outro documento, expressa e elucida falas contestáveis, polêmicas, ou, pelo menos, discutíveis. Quando propomos analisar as representações sobre as mulheres sobre múltiplas faces, estamos também buscando os significados produzidos a partir desses discursos.

Sabemos que existem as diferenças dentro das diferenças. Dentre as mulheres citadas, houve algumas que foram mais destacadas no diário da marcha, na memória dos seus companheiros, na documentação encontrada e na imprensa, porém não podemos precisar – e nem

é nossa intenção – o porquê desses destaques, pois acreditamos que a presença de todas elas foi relevante.

Outro jornal nordestino, *Diário da Bahia*, de Salvador, retrata o perfil da enfermeira *Hermínia*, através do relato e depoimento do Sr. Anatolino Pina Medrado, filho do famoso coronel baiano Doca Medrado e ex-prisioneiro das forças de Prestes:

Hermínia é uma enfermeira ainda moça, de coragem inaudita, tendo visto por diversas vezes, ir ella própria à linha de fogo fazer curativos aos feridos.

É uma mulher sympática, valente e tem como companheira uma cachorrinha de nome Petit que a acompanha desde o começo da revolução. Anda tanto a cavalo como a pé.

É muito querida e respeitada pelas tropas. (*Diário da Bahia*, 1926, p. 141)

Mais um jornal, o *Diário de Notícias*⁴ de Salvador, abre em primeira página a seguinte manchete: “São duas criminosas rebeldes: a bella generala e a piedosa enfermeira”; o jornal está falando de *Alzira*, que havia sido aprisionada, e da enfermeira *Hermínia*.

Ao analisarmos os papéis desempenhados pelas mulheres participantes da saga da Coluna Prestes percebemos que as representações dadas às suas imagens podem ser ampliadas. É certo que o movimento não foi desencadeado pelas mulheres, delas não partiu a sublevação, porém suas atuações no movimento deram suporte à insurreição armada.

Conceber as mulheres sobre novas perspectivas de experiências em movimentos armados é explicitar a persistência e o modo como elas enfrentaram os líderes da Coluna, não só os desafiando desde a saída de São Paulo e do Rio Grande do Sul, mas também demonstrando ousadia. Elas não cederam às hostilidades dos comandantes, enfrentaram até mesmo o próprio Luís Carlos Prestes, líder maior do movimento. Foram assim mulheres transgressoras para a sociedade da época. E, mesmo tratadas com rigor, permaneceram na luta por mais de dois anos, e cada uma à sua maneira prestou relevantes serviços à Coluna.

As memórias dos ex-combatentes, os depoimentos orais e os relatos de jornais evidenciaram de maneiras díspares as múltiplas faces das *vivandeiras* da Coluna Prestes. Pôde-se perceber os múltiplos papéis

desempenhados por elas: cuidaram dos feridos, espionaram, deram e receberam amor, combateram, cozinham, costuraram, amortalharam os mortos, exerceram a maternidade etc. Também não podemos deixar de considerar que essas mulheres romperam com o conceito unívoco da *vivandeira* que negocia víveres ou que vende o seu próprio corpo nos acampamentos militares. E mais ainda, elas romperam com a representação social da “mulher frágil” que não estava preparada para enfrentar a guerra.

Analisando essas contradições, ficamos a indagar como esses homens realmente viam essas mulheres? Muitas vezes, consideram-nas valentes companheiras de luta que enfrentavam dificuldade juntamente com eles, presentes nos momentos de perigos. Por outro lado, porém, acreditavam que mulheres que acompanhavam uma luta dessa natureza não podiam deixar de ser também prostitutas, pois somente estas seriam capazes de romper com os padrões e normas estabelecidos pela sociedade da época para seguir uma tropa militar.

Percebe-se então que existem diferentes discursos e concepções sobre a presença dessas mulheres na marcha da Coluna Prestes. O discurso jornalístico, de certa forma, amplia o sentido da representação de *vivandeiras*. Os jornais consultados⁵ não evocaram, em nenhum momento, a palavra *vivandeiras*; na imprensa, essas mulheres foram denominadas por: “bandoleiras”, “amazonas”, “generalas”, “piedosa enfermeira”, “mulheres a la garçone”, “revoltosas”, “criminosas rebeldes” e “mulheres guerreiras”. Nesse sentido, o discurso militar difere do discurso civil sobre a atuação das mulheres em movimentos armados; seus papéis se alargam para além do significado dado nos diários de marcha e nas memórias de ex-combatentes de guerra. Conceber as *vivandeiras* em suas múltiplas faces e pensá-las a partir de novas perspectivas de análises em movimentos armados foi o nosso intuito nesse texto.

Abstract

Our analysis focuses the concept of *vivandeiras* in the march of the Coluna Prestes' rebels in the 20th years. The speeches of the ex-combatants' memories had built an historical image of the role that was attributed to the women in that movement. Refusing the unique representation on the function of the *vivandeiras*, this article shows their multiple faces.

Key words: Women, Coluna Prestes, memory, representations.

Notas

1. O termo *vivandeira* vem do francês *vivandière*, surgido, aproximadamente, no século XV. Vivandeira passou a ser “pessoa que negocia víveres nas feiras, nos arraiais ou nos acampamentos militares (usa-se especialmente para designar mulheres que acompanhavam, com essa finalidade, tropas em marcha)” (LAROUSSE, Koogan. *Pequeno dicionário enciclopédico*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1982, p. 884).
2. Coluna Prestes – movimento militar rebelde em que jovens políticos militares contestaram o governo de Artur Bernardes; a marcha percorreu 25.000 km pelos sertões do Brasil de 1924 a 1927.
3. O jornalista Luís Amaral, correspondente de *O Jornal*, foi enviado para registrar como viviam os ex-combatentes da Coluna Prestes no exílio; em Corumbá (hoje Mato Grosso do Sul) ele entrevistou Elza Schmidk, uma das mulheres que conseguiram chegar até o fim da marcha.
4. *Diário de Notícias*, Salvador, de 16 de abril de 1926, n. 6.654. Nesse jornal encontra-se publicada a carta do fazendeiro Luís Antônio Ribeiro, residente na Fazenda Cipó, município de Juazeiro (BA), em 31 de março de 1926.
5. Consultamos os seguintes jornais: *O Diário da Tarde*, Curitiba, 1908-1930; *O Jornal*, Rio de Janeiro, 1924-1926; *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1924-1925; *A Noite*, Salvador, 1924-1926; *A Tarde*, Salvador, 1924-1926; *Diário da Bahia*, Salvador, 1924-1926; *Diário de Notícias*, Salvador, 1924-1927; *O Conservador*, Nazareth (Bahia), 1924-1926; *O Democrata*, Salvador, 1924-1926.

Referências

- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, v. I.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- JODELET, Denise. *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- LANDUCCI, Ítalo. *Cenas e episódios da Revolução de 1924 e da Coluna Prestes*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- MOREIRA LIMA, Lourenço. *A Coluna Prestes: marchas e combates*. 3.ed. São Paulo: Alfa Omega, 1979.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 4.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro: Vértice, n. 3, v. 2, p. 3-15, 1989.

SAFFIOTI, Heleith I. B. *O poder do macho*. 4.ed. São Paulo: Moderna, 1990.

SANTOS, Dulce O. Amarante dos. Mulheres: o cruzamento de dois imaginários. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOLLER, Maria Angelica (Orgs.). *O imaginário em debate*. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1998. p. xx.

SILVA, João (capitão). *Farrapos de nossa história: a marcha da Coluna Prestes do extremo Sul às cabeceiras do rio Apa*. São Nicolau (RS): [s.e.], 1959.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia Navarro (Org.). *História no plural*. Brasília: Ed. Unb, 1993.

Fontes orais

Entrevista oral com o Sr. Urbano Berquó, realizada pela autora, em 8/9/1998, na Cidade de Goiás - GO.

Entrevista com Sadi do Vale Machado, em 30/11/1982 a 1/12/1982, Laboratório de História Oral, CPDOC / FGV, Rio de Janeiro.

Entrevista com o Sr. Luís Gomes Sardinha, em 15/11/1999, em Senador Canedo -GO.